

Rubem Braga Ausculta a Realidade Argentina

1252 D.N. - 10.7.56
O Circulo Vicioso do Ódio

BUENOS AIRES — O anúncio oficial, feito pelo presidente Arambúru, de que o governo pretende convocar as eleições para o último trimestre do ano que vem só pode contribuir para melhorar o clima político; mas há um certo fundo de angústia na Argentina de hoje que, infelizmente, ainda perdurará por algum tempo.

Tanto quanto é possível a um observador estrangeiro em 15 dias de conversas avaliar, não é provável que em um futuro próximo haja revolta armada ou guerra civil na Argentina. Também não é de esperar que os partidários de uma ditadura que foi longa, dura e poderosa, que conseguiu fanatizar largas camadas do povo e que favoreceu praticamente com dinheiro, postos e favores dezenas ou centenas de milhares de pessoas hoje votadas ao ostracismo, fiquem inteiramente passivos. Uns se encolhem. Mas outros conspiram, e muitos não cessarão de praticar atos de protestos que, às vezes, têm assumido a forma de atentados terroristas.

O CÍRCULO VICIOSO DO ÓDIO

Ainda na semana passada houve um: homens não identificados pararam um automóvel à beira do rio e dispararam vários tiros contra um navio de guerra que estava próximo. Essas pessoas fugiram em seguida, e apenas um marinheiro ficou ferido sem gravidade. Dois dias antes, em uma cidade do interior, um sargento do Exército foi agarrado, jogado dentro de um automóvel, e, como se negasse a dar vivas a Perón,

gravemente surrado. Já foram divulgados no Brasil atos de sabotagem aqui realizados, inclusive em alimentos. Não passa uma só semana sem um atentado terrorista qualquer, geralmente frustrado.

Em sua reação contra essas desordens o governo toma medidas severas que muitas vezes atingem inocentes sem atingir os culpados. É impossível prever o que acontecerá: o terrorismo e a reação oficial criam um círculo vicioso de ódio. Não queremos escurecer as coisas: a grande massa do povo continua entregue aos seus labores e divertimentos de maneira normal. A Argentina é um país rico em que a maioria da população tem um nível de vida mais do que aceitável para a América do Sul.

O PRESTÍGIO DE PERÓN

Antes de ser derrubado, Perón tinha perdido grande parte de seu prestígio, não só pelo desgaste natural do poder e pelo rumor das grandes negociatas e escândalos que marcaram seu governo como por três fatores inegáveis.

Primeiro, sua campanha contra a Igreja, cuja influência fôra decisiva em sua eleição; essa campanha, levada a efeito com uma levandade e uma estupidez incríveis, não pode ter deixado de diminuir sua popularidade em um país eminentemente católico. Segundo, o fato de que o peronismo dos últimos tempos já não fazia aos trabalhadores as barretadas do começo. No lugar de
(Conclui na 2.ª página)

O Círculo do Ódio

(Conclusão) estimular greves às foveas, como fez com os ferroviários; o entusiasmo pela sua figura nos meios operários decrescera sensivelmente.

Terceiro, sua mudança de linha na política internacional era de molde a desorientar e desgostar profundamente a própria gente cujos sentimentos nacionalistas ele exaltara. O contrato que ele firmou com a Standard Oil da Califórnia, e do qual tratarei com vagar em outra nota, foi objeto de críticas não só da oposição radical e dos comunistas como de figuras importantes do próprio Partido Peronista, e algumas dessas críticas foram feitas publicamente. O Congresso certamente o aprovaria, pois a ordem era esta e o Congresso era obediente; mas a onda de protestos só tendia a aumentar porque realmente o contrato era lesivo aos interesses e à própria soberania argentina.

Se dentro do proletariado esses três fatores atuavam para minar o prestígio de Perón, dois deles — a campanha anti-católica e o entreguismo — atuavam com muito mais força ainda dentro da classe média que, na Argentina, é muito poderosa, e cujos sentimentos se refletem com nitidez no ânimo das forças armadas.

Juntando, a tudo isto, o fato de que Perón nunca demonstrou nenhuma coragem pessoal e todas as vezes em que esteve em perigo teve o cuidado de ser o primeiro a se pôr a salvo, minha tendência é para achar que a sua mística se enfraqueceu muito, e que uma grande parte de seus antigos adeptos se desiludiu dele e forma um grande eleitorado baldio, à espera de novos chefes e novos rumos.

OS FUZILAMENTOS

Convém não esquecer, por outro lado, que, além de enfrentar dificuldades no terreno econômico e no terreno social, o atual governo aumentou muito o ressentimento de seus adversários com os fuzilamentos consequentes à revolta de 9 de junho. Não discutimos aqui se esses fuzilamentos foram ou não necessários para sufocar a revolta nem se realmente, como afirmam os homens do governo, eles foram a reação natural diante de um movimento que visaria o extermínio em massa dos quadros dirigentes do país. O fato é que eles chocaram a opinião e acirraram os ódios; o efeito disso não passará com rapidez.

EX-PERONISTAS

Muitas das medidas tomadas pelo governo contra os que tiveram postos importantes no antigo regime ou qualquer posição (a partir de secretário de célula de base) no Partido Peronista afetaram milhares de pessoas que na realidade já não eram mais peronistas. A única exceção aberta na lei foi para os que, tendo sido peronistas, sofreram prisão por motivos políticos ainda sob o peronismo. Em sua grande maioria, porém, os peronistas desiludidos ou

mesmo já revoltados contra o antigo chefe não sofreram prisão; ficaram à margem da política, murmurando contra o ex-ídolo e ajudando a criar o clima que o levou à queda. Ora, esses elementos foram hoje praticamente lançados nos braços de Perón, ou pelo menos contrangidos a aumentar o descontentamento contra o atual governo, quando, se recebessem um tratamento mais inteligente, muito poderiam contribuir para curar as feridas abertas na alma argentina. Seus bens estão interditados, eles não podem ter nenhum emprego público nem poderão ser candidatos a nada, nem a uma vereança, nas próximas eleições; temem pela própria liberdade quando o governo toma medidas para combater o terrorismo. Para eles o Governo Provisório, chefiado por militares e armado do estado de sítio, é tão ditatorial quanto o de Perón, que haviam se habituado a detestar. Estou expondo uma situação de fato e não criticando a atitude do governo, o que seria fácil mas não seria justo, pois não estou em condições de saber em que medida seria possível discriminar legalmente entre esses neo-democratas sinceros e os peronistas embaçados que aguardam uma «revanche».

DUAS VOZES DIFERENTES

O que parece inevitável é que ao se travar a luta eleitoral um ou mais candidatos democráticos procurem atrair os votos peronistas erguendo a bandeira do anti-revanchismo, lonardismo, anistia. Essa atitude pode desgostar gravemente militares e políticos partidários de uma política «dura»; para muita gente que ao longo da Ditadura sofreu demais não é admissível nenhuma concessão ao adversário derrotado. Estas são, fundamentalmente, as duas correntes que dividem os partidos democráticos e, menos ostensivamente, os próprios meios militares. O fato de Perón estar vivo e contar com dinheiro e prestígio, e o surto de terrorismo servem para «endurecer» uns; a esperança de que é possível minar o peronismo por meio de atitudes conciliatórias e medidas simpáticas à massa do povo «amolece» outros. «O vosso Vargas voltou porque seus adversários foram moles — ouvi mais de uma vez — e seu governo acabou em tragédia. E ele estava velho e não trazia o ódio no coração. Perón se voltasse um dia afogaria a Argentina em sangue e opressão; é muito cedo para ter contemplação com ele ou qualquer dos seus cúmplices».

E outros me dizem: «Com todos os seus erros, falsidades e traições o peronismo foi um movimento popular que agitou forças profundas da sociedade argentina. Perón, como Vargas, deu ao trabalhador um sentimento de importância. Só podemos esperar ter um governo sólido e progressista da Argentina se ele conseguir se manter